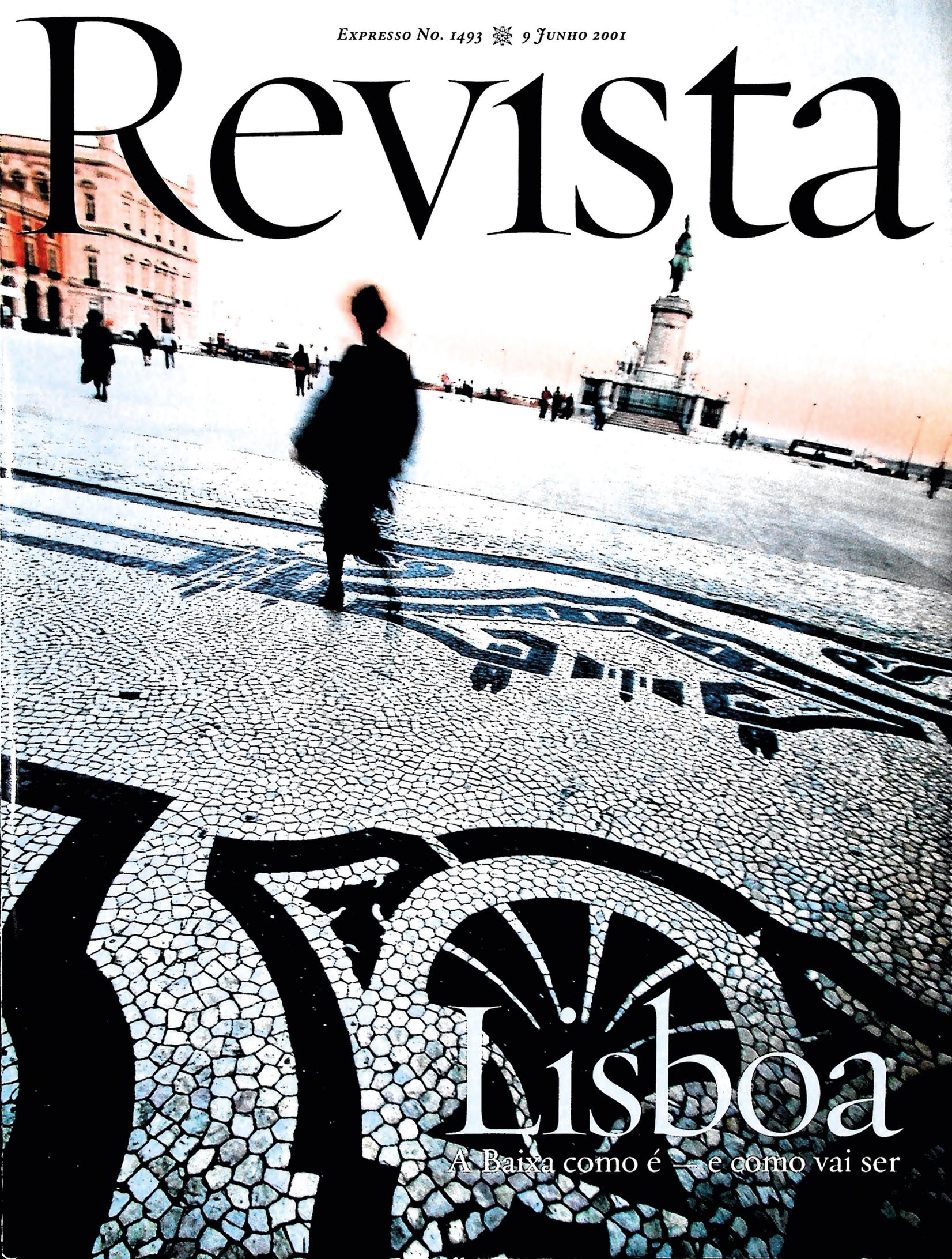


EXPRESSO No. 1493 ✪ 9 JUNHO 2001

Revista



Lisboa

A Baixa como é — e como vai ser

Artesão do desenho

É o mais eclético dos «designers» portugueses. Trabalhou os mais diversos programas, desde interiores de hotéis a mobiliário de escritório, de igrejas a serviços de mesa. A sua obra estende-se por toda a cidade de Lisboa, com destaque para a Fundação Gulbenkian, que agora lhe solicitou a renovação de diversos espaços, ao mesmo tempo que faz uma retrospectiva da sua obra

TEXTO DE MÁRIO ROBALO
FOTOGRAFIA DE LUIZ CARVALHO

Assume-se como artesão do desenho. Por isso, não se estranhe que confidencie que aquilo que, até agora, mais gostou de fazer foi mobiliário de escritório. «Chegar a uma fábrica e ver quatrocentas pessoas, junto das máquinas, a concretizarem o que eu tinha desenhado, é a mais grata compensação». Daciano da Costa anda há mais de quatro décadas a dar existência a uma multiplicidade de desenhos que, como sopros de vida, se transfiguram em interiores de hotéis e de casinos, torneiras e cenários, agências bancárias, bibliotecas, teatros ou ainda serviços de mesa e talheres. Do seu risco também surgiram cadeiras, equipamentos urbanos, espaços co-

merciais e mobiliário para pastelarias e universidades, igrejas e livrarias.

Mas enquanto «intervenção global», ele aponta a que executou na Fundação Gulbenkian, em Lisboa, a cujo edifício concede a ousadia de dar tanta importância como ao mosteiro dos Jerónimos. «Não apenas pela sua qualidade arquitectónica, mas também pelo significado histórico e cultural que a instituição representa para o país», sublinha. E agora, passados trinta e cinco anos do seu desempenho na instituição fundada pelo arménio Calouste Sarkis Gulbenkian, foi-lhe solicitada a remodelação de diversos espaços, precisamente quando a galeria de exposições temporárias, acabada de ser refeita por si próprio, acolhe (até ao próximo dia 24) uma exposição retrospectiva da sua obra. É uma homenagem que não pretende apenas mostrar «as soluções acabadas, mas também as aproximações, as hesitações e as ousadias próprias de um grande talento e da aplicação rigorosa de um método capaz de resolver os problemas levantados pelas diversas investigações e encomendas», como escreve Emílio Rui Vilar, administrador da Fundação, na apresentação do catálogo.

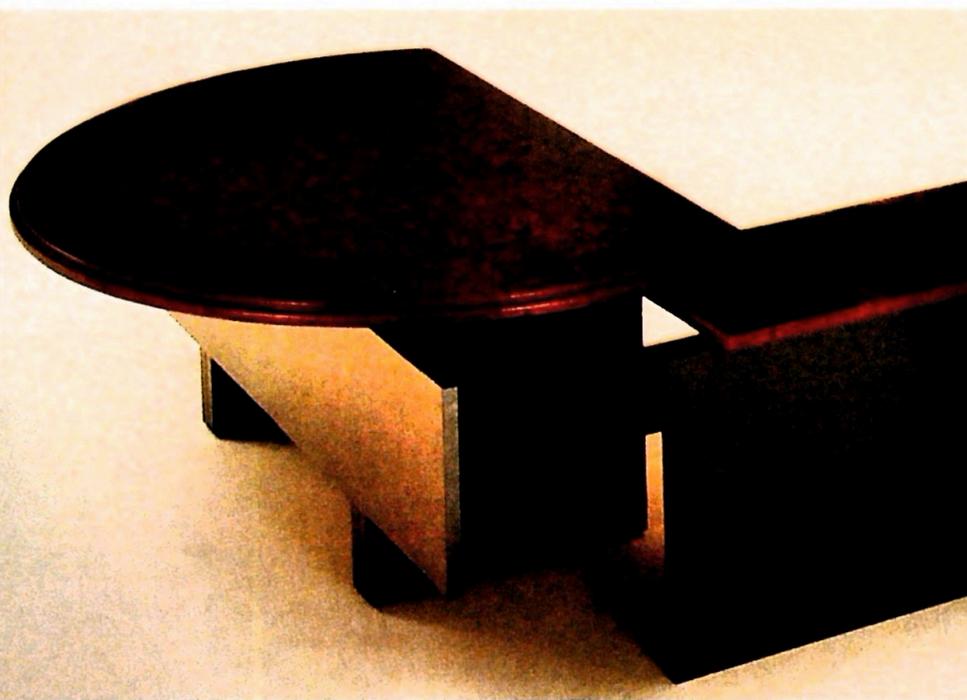
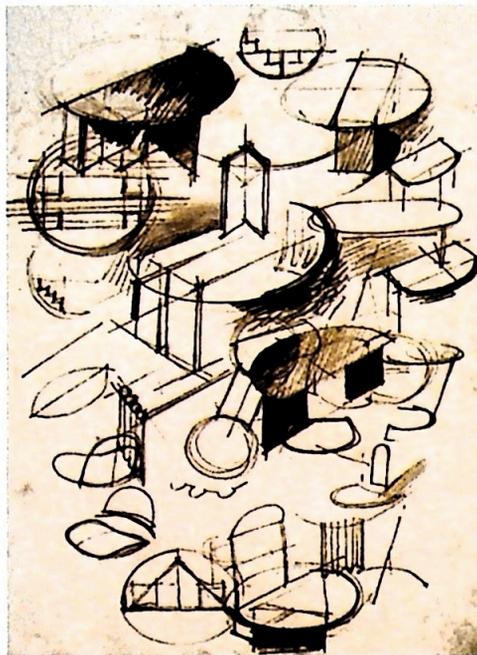
Lisboa está inundada de obras de Daciano da Costa que, em 1945, com apenas quinze anos de idade, já colaborava no atelier de pintura de Lino António, o director da Escola de Artes Decorativas António Arroio, onde se matriculara dois anos antes. Não foi, todavia, na pintura que a sua obra se distinguiu, apesar de lhe reconhecerem o talento, demonstrado com a nota da tese final (19 valores) que, entretanto, termina na Escola





*Daciano
da Costa:
o «designer»
com o
trivial.
Na página
ao lado,
Porta do
Sol, na Expo*

*Esquços
(em cima)
e secretária
com tampo
lateral.
O mobiliário
de escritório
foi o
«desenho» que
mais gostou
de fazer*



Modernizar é trabalhar em equipa e estabelecer relações com os meios de produção

Superior de Belas Artes de Lisboa (ESBAL), em 1961. Curiosamente, a sua primeira encomenda de trabalho mencionada no catálogo da exposição é a concepção de mobiliário, em 1959, para o gabinete de administração, biblioteca e sala de reuniões da Fábrica Messa, antiga indústria de máquinas para escritório, situada em Mem Martins, nos arredores de Lisboa. Um ano mais tarde, o arquitecto António Pardal Monteiro lança-lhe o desa-

fio de criar a arquitectura de interiores, o equipamento e o mobiliário da reitoria e da aula magna da Universidade de Lisboa. Um trabalho que incluiu a sala de reuniões do Senado, o salão nobre, o anfiteatro e a sala dos professores.

O país ainda não vivia o momento propício para o candidato de um ofício quase pioneiro, que se propunha intervir na concepção dos espaços, na integração dos materiais e na criação de objectos. Por isso, a decisão de assumir a função de «designer» era considerada incongruente. «Na verdade, a génese do «design» contemporâneo em Portugal foi extremamente tardia, no quadro de um país eminentemente rural, de indústria incipiente, com uma cultura artística insuficiente e um ensino académico desactualizado e que não poderia, portanto, deixar de ficar à margem da problemática da aliança entre as artes e a indústria». A análise do historiador Rui Afonso Santos, desenvolvida no catálogo da exposição sobre Daciano da Costa na Gulbenkian, reflecte o quadro de completa ausência de exercício e pesquisa do «design», que se vivia em inícios dos anos 60 do século passado. Era também o tempo medíocre em que a polícia política se permitia impedir Daciano, aluno brilhante da ESBAL, de tomar posse como assistente naquela escola, mas que entretanto se lançava na sua primeira ilustração, o romance «Volfrâmio», de Aquilino Ribeiro. Mas é a partir de então que o país começa a tomar nota do seu trabalho. Um trabalho que ele assume como integrado num «movimento de modernização das artes que considera necessário abandonar a solidão de artista». Modernizar é trabalhar em companhia, em equipa. É a partir desta nova exigência que Daciano da Costa acentua a sua atitude de artesão do desenho. Porque «estabelecer uma relação com os meios de produção, com os operários, marceneiros, não é estar a assumir uma atitude populista, é estar a enquadrar todo um processo do mesmo trabalho», acentua. Uma prática que se iniciava logo no atelier, com uma equipa de «oficiais» — arquitectos, «designers», gráficos, fotógrafos, escultores, pintores, decoradores, entre outros.

Na capital, Daciano da Costa cumpre projectos tão significativos como equipar o restaurante panorâmico do Monsanto, a Biblioteca Nacional, os hotéis Altis e Penta, o Instituto de Urologia; ou ainda desenhar equipamentos para o Centro Cultural de Belém e o Coliseu dos Recreios; mais recentemente, assinou a recuperação